

NOTÍCIAS

“Uma experiência muito gratificante que levo comigo para a vida”

Espírito empreendedor testado no PDE

“Governo das organizações, mais do que governance”

AESE e Impresa parceiras na formação de executivos

Passaporte

PANORAMA

Os idosos organizam-se para não estarem sozinhos

A elegância, força contida

A norma da união de facto

“Embrión. Una defensa de la vida humana”

DOCUMENTAÇÃO

As humanidades no núcleo da excelência académica e profissional

As humanidades, um motor para a economia e a sociedade

AGENDA

GMP
Lisboa, 25 de setembro

PADIS
Porto Palácio Congress Hotel & Spa, 30 de setembro

Banca 2.0
Porto Palácio Congress Hotel & Spa, 3 de outubro

Executive MBA AESE/IESE
Lisboa, 4 de outubro

4º Torneio de Golf Alumni AESE Konica Minolta
Belas Clube Campo, 5 de outubro

TIC: Fazer melhor com menos custos
Lisboa, 8 de outubro

Lisboa, de 8 a 19 de julho de 2013

1º AESE Summer School

“Uma experiência muito gratificante que levo comigo para a vida”

A AESE lançou, em 2013, um programa inédito, destinado aos filhos universitários dos Alumni. O AESE Summer School foi pensado para jovens que pretendem ter um primeiro contacto com o mundo empresarial.

De 8 a 19 de julho, 19 participantes com formações académicas muito heterogéneas estiveram com Professores provenientes do mundo académico e empresarial. Sílvia Carioca, participante no programa, explica como viveu esta experiência: “Estou no curso de desporto. O que faço eu numa summer school de uma escola de negócios?! Pois bem, quando me inscrevi também não tinha a resposta, mas agora já tenho saudades de tudo o que passei e voltaria a fazê-lo todos os verões, porque num ambiente de respon-

sabilidade que a escola transmitiu, houve partilha de conhecimentos, de personalidades, de experiências. Foi-nos dado a conhecer o ensino pelo método do caso (espantoso), através do qual até contabilidade eu já discutia, vivemos os casos encarnando os papéis para a descoberta de soluções. Visitámos as mais variadas empresas, que se prepararam muito bem e nos receberam de braços mais do que abertos. Foram, de facto, momentos únicos que superaram as minhas expectativas, e desta experiência levo comigo uma família que fica para a vida e conhecimentos que sei que me vão abrir muitas portas e janelas. Agradeço do fundo do coração a toda a escola, especialmente a quem teve a iniciativa da summer school, e espero que apareçam mais iniciativas para anotar já na minha agen-

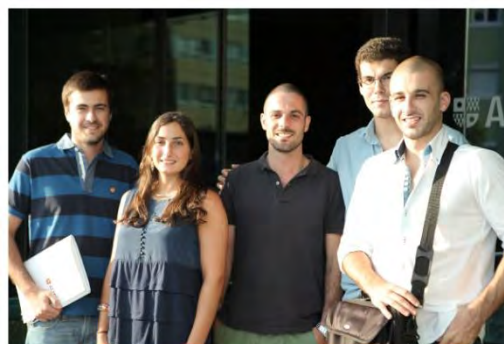


da.”

Depois de uma semana de estudo de casos e conferências colóquio muito intensas, João Freitas (Engenharia e Gestão Industrial) comenta o benefício retirado da aprendizagem com a metodologia da AESE: “O método do caso é uma experiência nova que senti que se adequou perfeitamente às minhas capacidades, um meio prático de ensino que leva os alunos a procurar respostas, o que nos faz interiorizar o aprendido por ter partido do raciocínio, ao invés de uma leitura teórica.”

Na última semana, a AESE organizou visitas a instituições como o Hospital da Luz, a Portway, o Banco Popular e a Zara, para compreendermos como funcionam do ponto de vista operacional, de marketing e de recursos humanos. “A da Zara foi muito interessante e deu para relacionar algumas informações do caso que tínhamos visto com a realidade”, como mencionou Duarte da Silva Passos.

Em resumo, Márcio Narciso (Engenharia Informática) encarou a participação no AESE Summer School como “uma experiência muito gratificante que levo comigo para a vida. Desafiante mas fortalecedora. Recomenda-se”. ◻



[Lisboa, 10 de julho de 2013](#)

[Olivença foi o grupo vencedor](#)



Espírito empreendedor testado no PDE

Foram encontrados os vencedores do prémio de Plano de Negócio entre os participantes no 53º PDE. A distinção do Grupo Olivença foi anunciada na AESE, no dia 10 de julho, pelo [Prof. Vasco Bordado](#), que se mostrou visivelmente satisfeito pela qualidade dos trabalhos desenvolvidos.

Colocados na posição de investidores, os grupos tiveram de avaliar os planos de negócios propostos, situação que lhes permitiu aplicar os conhecimentos adquiridos durante o programa e simular uma situação com a qual se podem deparar no dia a dia das suas empresas.

O Continente foi o sponsor desta iniciativa, que através de António Querido, um dos Alumni no PDE de Lisboa, entregou um cesto com

produtos da marca aos vencedores. Este prémio vem sendo organizado nas edições do PDE, quer em Lisboa, quer no Porto. ■



Prof. Vasco Bordado (à esquerda), com o grupo vencedor

[Lisboa, 27 de julho de 2013](#)

[Ciclo de Direção de Empresas](#)



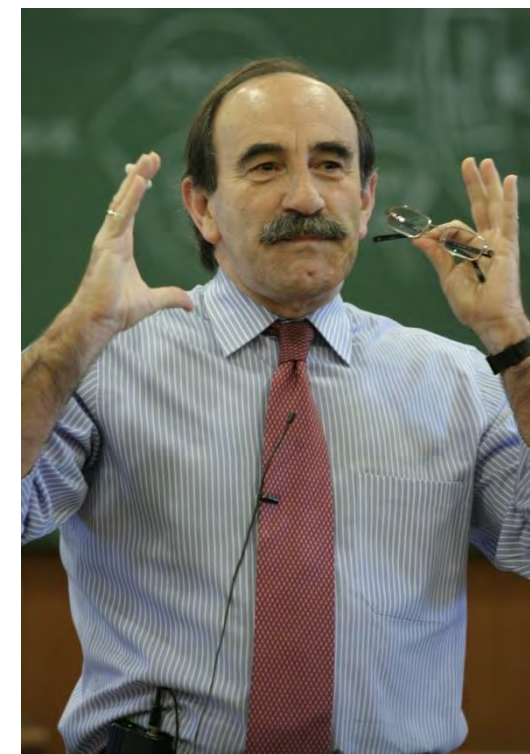
“Governo das organizações, mais do que governance”

Confundir governo e governança pode ser um erro comum, mas não deixa de ser grave. Para distinguir os limites e definir uma gestão eficiente destes dois pontos essenciais na vida das empresas, o [Prof. Luis Manuel Calleja](#) dedicou a terceira sessão do ciclo de Direção de Empresas para este efeito. A conferência colóquio teve lugar em Lisboa, a 27 de junho.

Para Luis Manuel Calleja, a diferenciação entre os dois conceitos torna-se óbvia a partir do momento em que definimos que o governo se refere à gestão mais do topo, que se dedica a fixar o rumo da empresa, à organização que leva adiante o negócio e depois à configuração institucional; e a governança a algo caro ao exterior, para os grandes acionistas e partes interessadas na empresa, isto é, para quem não trabalha diretamente (a partir de dentro) com a empresa.

As boas práticas e normas de governança são uma ideologia que parece bastar para um bom governo, o que não corresponde à verdade, desde os tempos mais clássicos.

Aos membros do Conselho de Administração, o Professor deixou-lhes a sugestão para exercerem um bom governo: “os responsáveis têm de ter em mente três aspetos importantíssimos, no mínimo: evitar a falência da empresa, escolher criteriosamente o CEO da empresa ou diretor geral e selecionar bem os parceiros e acionistas.” Com estes três eixos bem geridos, o governo estará no bom caminho e as empresas serão bem sucedidas. ■



[Lisboa, 12 de julho de 2013](#)

[Mais um caso de proximidade com o tecido empresarial português](#)



AESE e Impresa parceiras na formação de executivos

A AESE e a Impresa assinaram um protocolo que visa promover a formação de dirigentes e de executivos.

O acordo foi celebrado no dia 12 de julho de 2013, na AESE, na presença de: Pedro Norton, CEO da Impresa, [José Ramalho Fontes](#), Diretor geral da AESE, [Maria de Fátima Carioca](#), Diretora da AESE, e Francisco Pedro Balsemão, Diretor de Recursos Humanos da Impresa (na fotografia, da esquerda para a direita). ■



AGENDA



Programas



Programa

GMP

Lisboa, 25 de setembro

[Saiba mais >](#)



Programa

PADIS

Porto Palácio Congress Hotel & Spa, 30 de setembro

[Saiba mais >](#)



Programa

Executive MBA AESE/IESE

Lisboa, 4 de outubro

[Saiba mais >](#)

Seminário



Seminário

TIC: Fazer melhor com menos custos

Lisboa, 8 de outubro

[Saiba mais >](#)

Evento



Evento

4º Torneio de Golf Alumni AESE Konica Minolta

Belas Clube Campo, 5 de outubro

[Saiba mais >](#)

Sessão de continuidade



Sessão de continuidade

Banca 2.0

Porto Palácio Congress Hotel & Spa, 3 de outubro

[Saiba mais >](#)

PASSAPORTE



Fernando Braz (38º [PDE](#)) é o Sales Director de Core Technology Leader na Oracle Portugal.



Nuno Barbosa dos Santos (10º [Executive MBA AESE/IESE](#)) é o responsável pelos canais digitais da EDP Soluções Comerciais.



Paulo Simões (10º [Executive MBA AESE/IESE](#) e 31º [PDE](#)) é Member of the Board do Portuguese Chapter da IAMCP – International Association of Microsoft Channel Partner.



Rosário Cotrim (42º [PDE](#)), aceita desafio da Prosegur Activa e ruma em direção ao Chile, com uma missão de 3 anos, como Diretora geral na área da Eletrónica.



PANORAMA

Os idosos organizam-se para não estarem sozinhos

A geração que, na sua juventude, viu nascer as comunas *hippies* inventa para os seus dias de reforma fórmulas como a *co-housing* e as “aldeias para idosos”. São alternativas às residências de idosos, que combinam a aspiração de viver de modo independente, no lar, com a de permanecer vinculados a uma comunidade.

Desde que arrancou a “Lincoln Park Village”, os idosos do norte de Chicago vivem melhor sem necessidade de deixar as suas casas. Basta um telefonema ou um “clique” na sua *web*, para que se apresente um voluntário disposto a ajudá-los em qualquer tarefa: atualizar as faturas; mudar

uma lâmpada; pedir uma consulta para ir ao médico; ensinar conhecimentos básicos de informática...

Além desta ajuda, a “Lincoln Park Village” – que atualmente atende 376 lares de três bairros – oferece a oportunidade de fazer amigos novos através de atividades de lazer destinadas a idosos (concertos, excursões, fóruns de livros, aulas de Tai Chi...).

Para desfrutar destes serviços tem de se pagar uma quota anual de 540 dólares por pessoa, ou, de 780 se for um lar de duas pessoas (397 e 574 euros, respetivamente). Os rendimentos mais baixos pagam menos.

A filosofia que inspira este tipo de “aldeias para idosos” é simples: os seus membros continuam a viver de forma independente nas suas casas e, ao mesmo tempo, desfrutam do sentido de comunidade e da segurança que proporcionavam as antigas aldeias. E tudo isto, com as comodidades da vida moderna.

Assim o observa Dorothy Batt, que vive com o seu marido num bairro de Madison onde se implantou a organização “SAIL” (“Supporting Active Independent Lives”). “Fui criada numa localidade onde quase toda a gente me conhecia, a mim ou aos meus pais. Se precisava de alguma coisa, sabia a

»»



quem podia recorrer. A reforma é como chegar a um país estrangeiro: não conhecemos as regras. A ‘SAIL’ é um presente do céu”.

Tanto a “SAIL” como a “Lincoln Park Village” pertencem à “Village to Village Network”, uma organização sem fins lucrativos, que ajuda a implementar “aldeias para idosos”. Já existem 89 distribuídas pelos EUA, em bairros com muita gente da terceira idade, e, proximamente, irão abrir outras 123. Também começaram a funcionar algumas no Canadá, Austrália e Holanda.

“Envelhecer está a converter-se em algo menos sombrio e mais atrativo”, escreve Cat Johnson numa reportagem publicada em “Shareable”. “Os idosos são con-

templados e contemplam os outros para criar redes de bem-estar, apoio mútuo e amizade; estão a transformar a longa marcha para a sepultura que é a velhice numa alegre partilha”.

Outra fórmula que permite aos idosos viver no seu lar e fazer novos amigos é a “co-housing”, que tem por detrás toda uma teoria social. São comunidades de apartamentos próprios com zonas partilhadas (cozinha, sala de refeições, sala de estar, terraços...), para favorecer a interação.

Este modelo de habitações teve origem na Dinamarca, nos anos 60 do século XX. Foi levado para os EUA pelos arquitetos Charles Durrett e Kathryn McCamant, autores do livro “CoHousing: A Con-

temporary Approach to Housing Ourselves” (1994). Nele descrevem a “co-housing” como uma resposta aos desafios colocados pela agitada vida moderna: em vez do turbilhão, os seus residentes encontram serenidade e ajuda mútua.

Vários anos depois, em 2009, Durrett e McCamant – que ajudaram a desenhar mais de 50 casas comuns – escreveram um livro para mostrar aos idosos os benefícios da “co-housing”: “The Senior Cohousing Handbook”. Entre outros efeitos benéficos, as quase 120 comunidades que existem nos EUA evitam o isolamento e proporcionam segurança e diversão.



Outra vantagem é que os idosos têm a tranquilidade de saber que os seus companheiros querem fazer vida em comum. Gay Ellis, uma mulher de 67 anos que vive numa casa comum na Grã-Bretanha, explica ao “The Guardian”: “Aqui as pessoas procuram uma comunidade, de modo que não nos sentimos culpados por incomodar. Posso telefonar a quem quiser e, a seguir, há alguém disposto a estar um pouco comigo”.

Para o professor da Universidade de Stirling, William Lauder, que investigou os efeitos da solidão na saúde, a “co-housing” apresenta-se como uma solução “absolutamente perfeita” para “um dos problemas de saúde pública mais

importantes e menos tratados [na Grã-Bretanha]”, onde já funcionam 12 casas comuns e se preparam outras 32.

Na campanha eleitoral de 2010, o líder trabalhista Gordon Brown prometeu um ambicioso plano de ajuda gratuita ao domicílio para os idosos mais necessitados de Inglaterra e País de Gales. Agora, o Governo de Cameron anunciou outro, mais modesto, para identificar, com a ajuda das autoridades locais, os 5 milhões de idosos que vivem sozinhos na Grã-Bretanha.

À espera de que se concretize a ajuda estatal, a sociedade britânica lança as suas próprias iniciativas. A “Campaign to End Lone-

liness” pretende explicar às pessoas os fatores que provocam a solidão habitual. Através de estudos e relatórios, os organizadores desta campanha ensinam formas de prevenir e aliviar a solidão.

A “Friends of the Elderly” é uma organização de beneficência que combina as visitas ao domicílio com a socialização nos centros de dia. Uma vez por semana, os idosos que participam no seu programa, recebem a visita de um voluntário disposto a conversar com eles. Além disso, para que não fiquem anquilosados, os beneficiários devem ir, nessa mesma semana, a um dos centros de dia que haja perto de casa.



Outra fórmula mencionada pelo “The Guardian” para mitigar a solidão dos idosos, são as linhas telefônicas que permitem aos seus utentes falar com um voluntário em qualquer altura do dia.

Diversamente de outros serviços pensados para pedir ajuda em situações de emergência, a “The Silver Line” existe para escutar os idosos em qualquer situação: “Nenhum problema é demasiado

grande, nenhum problema é demasiado pequeno; não há necessidade de estar sozinho”, diz o seu lema.

J.M. ▣

PANORAMA



A elegância, força contida

Azorín definia a elegância como força contida. Uma pessoa elegante seria aquela que não manifesta de forma espontânea toda a sua força, toda a sua energia, todo o seu poder, mas sim que os contém, e os expressa, de modo delicado. Daí, dizia agora Rubén Darío, que a elegância suprema consiste em não se fazer notar.

Infelizmente, os nossos filhos não encontram à sua volta muitos mo-

delos de elegância, porque aquilo que se exhibe nas montras que contemplam (na rua, na televisão ou na Internet) é o sê tu mesmo, a espontaneidade, o deixar-se conduzir; isso traduz-se, em geral, em grosseria ou vulgaridade. A primeira é um defeito de forma e a segunda, um excesso; mas ambas, longe de conter, precipitam para fora uma intimidade que, pelo facto de não ser contida, se perde.

Os nossos filhos, sobretudo os adolescentes, precisam de aprender a conter toda a energia vital que têm no seu interior e deixá-la sair com delicadeza. Como estão a começar a viver, não tiraram a medida das suas possibilidades e não sabem como exteriorizar a sua intimidade. Também estão a aprender a escolher (a palavra elegância é aparentada com o verbo latino *eligo*, escolher) e custa-lhes escolher bem. O elegante

»»



é para eles algo postiço que desvirtua a naturalidade, quando é justamente o contrário.

Os pais podem fazer muito para que os filhos sejam elegantes: para isso é preciso mais do que pensamos, porque, embora o pareça, não estamos a jogar no campo da estética, mas no da formação do carácter. A pessoa com carácter, a que aprendeu a conter o seu temperamento, a não se deixar levar, mas a saber escolher, manifesta-se aos outros com essa qualidade invisível a que chamamos elegância.

Teríamos de começar por dar o exemplo, isto é, por viver nós

próprios com elegância, não admitindo grosserias, espontaneidade mal entendida, falta de delicadeza, explosões temperamentais, sem cair na rigidez nem na afetação, porque uma pessoa elegante caracteriza-se por ser natural, delicada, discreta, flexível e simples.

Não nos cansemos de corrigir: gestos, posições, formas de falar e de vestir... É importante que lhes façamos ver a impressão que podem causar aos outros. Os adolescentes olham-se muito ao espelho, mas não veem o que os outros veem: temos de lhes entregar outro espelho para que vejam o reflexo do seu reflexo. Um tipo de roupa pode significar

para eles comodidade, mas pode ser interpretado de muitas outras maneiras pelas pessoas que estão à sua volta.

De qualquer forma, não espere-mos que, de um dia para o outro, caminhe tudo sobre rodas, porque há muita vitalidade, muita força a conter.

(“blogfamiliaactual”) ■



PANORAMA

A norma da união de facto

Desde há três meses que saio com a minha noiva e felizmente tudo corre muito bem. Estava a contá-lo a um amigo no outro dia e, no final da conversa, ele perguntou-me, com uma expressão de viva curiosidade: “Vais-te embora para irem viver juntos?”.

A união de facto antes do casamento é hoje o caminho mais comum das uniões dos jovens: atuam assim cerca de 75% e, para a maioria dessas uniões, mais do que uma decisão meditada, é algo para onde deslizam sem terem pensado nisso. Quando ele ou ela começam a passar mais noites em casa do outro do que na sua, no final parece natural deixar de pagar dois alugueres.

Embora a união de facto se apresente como um bom modo de conhecer a outra pessoa e assegurar um casamento mais sólido, não existem provas que o demonstrem. As estatísticas revelam que a união de facto dura 2,5 anos antes de terminar ou de se converter em casamento, mas a taxa de conversão em casamento está a baixar. Entre as uniões de facto que começam a viver em conjunto, 50% casam-se e 50% rompem a união antes dos cinco anos. Para as que vêm a casar, a taxa de divórcio é o dobro do que a das uniões que não viveram em união de facto antes de casarem.

Porque é então a união de facto a norma aceite e, ao mesmo tempo,

se torna completamente inútil para ajudar as uniões a discernir o seu futuro? A resposta às duas perguntas é a mesma: sexo. Irem viver juntos é consequência de já terem começado a ter relações sexuais. Não nos enganemos: a união de facto tem a ver com o sexo. Os jovens que vivem em união de facto fazem um ao outro a declaração subconsciente de que “não necessito de me casar contigo para ter relações sexuais”.

Esta é uma declaração decisiva para o bom estado da relação, porque o sexo passa de algo digno de um compromisso perante Deus, para algo não mais importante do que decidir o que vamos comer hoje. A promessa que cada

»»



pessoa de uma união de facto faz é: “Prometo ter relações sexuais contigo até encontrar outra pessoa com a qual prefira tê-las”. Vi há pouco tempo o filme “Prometo Amar-te” (“The Vow”), uma comédia romântica baseada numa história real. A dupla dos protagonistas conhece-se, começam a sair e o jovem acaba por pedir à jovem que vá viver com ele. A cena está concebida como o momento especialmente romântico em que o homem dá finalmente um passo em frente e faz aquilo que deve fazer. Todavia, o que realmente disse é: “Quero ter relações sexuais contigo de modo mais regular, mas, com a liberdade de acabar com isso se as coisas não funcionarem”. Sim, isto é que é romântico!

E o que se passa com as uniões de facto que vivem em conjunto e acabam por se casar? Ponho em dúvida a liberdade com a qual realmente entram no casamento e o seu desejo real de estarem juntos até que a morte os separe. Pela sua própria natureza, o sexo está desenhado para estabelecer um vínculo entre uma união, mas, quando uma relação chega ao sexo antes de tempo, questões importantes como o carácter, a conceção da vida e a compatibilidade ficam marginalizadas. Consequentemente, tudo é encarado em tons de cor de rosa e verifica-se difícil acordar as coisas importantes e, mais ainda, falar delas. Quando um casal de noivos começa a ter relações sexuais, negligencia verificar o seu compromisso intelectual e, em seu lugar,

inicia um compromisso emocional e sexual.

O amor quando brota é algo muito frágil e a luxúria pode, facilmente, esmagá-lo. O facto de uma união de facto acabar no altar (ou mais provavelmente no jardim) não é uma prova de que partilham um verdadeiro amor. Muitas uniões de facto que hoje acabam por casar não escolhem o casamento com tanta liberdade como poderiam, pois, muitas vezes, simplesmente acabam nele. É só o passo seguinte após uma série de decisões erradas. A união de facto baseia-se no princípio de que uma pessoa pode abandoná-la a qualquer momento e esta atitude não desaparece facilmente só por se assinar uma certidão de casamento.



As uniões de facto desejam certamente amar e, indiscutivelmente, fazem o melhor que podem para se amarem um ao outro. Mas o problema é que o melhor que podem não é suficiente, porque se baseiam numa informação distorcida. Aprendem como ter relações sexuais com a outra pessoa, mas não como é a pessoa; desejam ser amados, mas não conseguem compreender como amar.

Se não me interessasse discernir como será o possível futuro com a minha noiva, então, naturalmente, iríamos viver em união de facto agora mesmo. Mas o meu coração, como o de qualquer outro ser humano, deseja encontrar um amor que dure toda a vida. E a probabilidade de encontrá-lo diminuiria muito se optássemos agora pelo caminho fácil e seguissemos simplesmente a tendência social. O amor é algo demasiado valioso

para ser rebaixado e dilacerado através desse mal social da união de facto.

(Abreviado do original em “Foolish Wisdom”)

B.T. ■



PANORAMA

“Embrión. Una defensa de la vida humana”

“Embryo. A Defense of Human Life”

Autores: Christopher Tollefsen, Robert P. George
 Rialp. Madrid (2012)
 237 págs.
 Tradução (para castelhano):
 Javier Novo.

Noé Bentom Markham esteve à beira de morrer em setembro de 2005, preso num hospital inundado em Nova Orleães, durante a furiosa tempestade do Katrina. Vários polícias utilizaram barcaças para resgatá-lo e deixá-lo fora de perigo. Dezasseis meses depois nasceu felizmente. Noé era um embrião humano congelado, em nitrogénio líquido, juntamente com

mais 1.400 embriões. Com este relato, os autores desta obra começam uma defesa da humanidade dos embriões e do respeito que merecem. A argumentação do livro baseia-se na ciência embriológica e na filosofia. Os autores defendem que cada embrião humano é um indivíduo da espécie *homo sapiens*. Um indivíduo com um código genético próprio, diferente de qualquer célula da mãe ou do pai. Com minuciosos pormenores, descreve-se a configuração do embrião humano e o seu prodigioso desenvolvimento. Robert P. George, professor de Jurisprudência em Princeton, e Christopher Tollefsen, professor de Filosofia na Universidade da Carolina do Sul, abordam também

o tratamento que merece o embrião humano do ponto de vista jurídico e filosófico.

Se somos pessoas temos direito a que nos respeitem desde que começamos a existir, desde a fecundação. Criança e embrião são, simplesmente, duas maneiras de nos referirmos ao mesmo ser vivo em diferentes estados de amadurecimento. Relativamente à experimentação com embriões humanos abandonados, diz-se que um cálculo utilitarista não torna boa uma ação intrinsecamente negativa como é a sua destruição.

Os autores formulam três conclusões. A primeira é política: consideram inadmissível que a posição

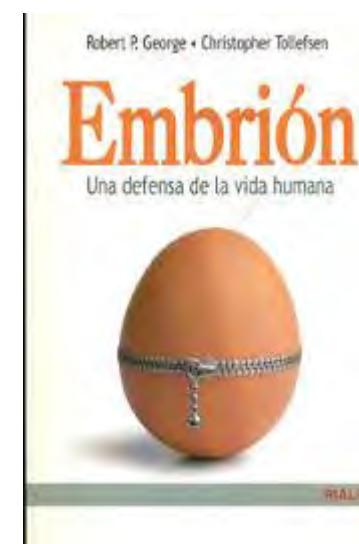
»»



por eles defendida seja marginalizada do debate público, com a acusação de ser confessional. Os autores utilizam argumentos científicos e filosóficos. A segunda é tecnológica: apresentam sólidas alternativas à utilização de células embrionárias – o que pressupõe destruir embriões – através do emprego de células estaminais adultas que já tiveram numerosos sucessos clínicos e não oferecem reparos éticos. A terceira é cultural: propõem regular a geração de

embriões humanos em procedimentos de fecundação artificial, para que os casais não criem mais embriões do que aqueles que possam levar até ao nascimento. É o que acontece, por exemplo, na atual legislação italiana.

J. I. M. ■





DOCUMENTAÇÃO



As humanidades no núcleo da excelência acadêmica e profissional

O Centro de Análise Estratégica (CAS), que presta serviço ao primeiro-ministro francês, tem a missão de ajudar o governo a definir e implementar as suas orientações estratégicas em matéria económica, social, ambiental ou tecnológica.

Um estudo recente deste organismo, elaborado por Jean-François Pradeau, professor de filosofia em Lyon, salienta a importância das humanidades, justamente quando o latim e o grego são marginalizados e abandonados por uma grande maioria de estudantes e famílias. Mas bastantes experiências testemunham a “necessidade

social” das humanidades clássicas. O documento é breve, preciso e incisivo – 22 páginas em formato pdf –, como se adequa a bons humanistas.

Também interessa para a eficácia empresarial

O documento de trabalho do CAS situa as humanidades no “núcleo da excelência académica e profissional”, apesar do facto das línguas clássicas e da Antiguidade greco-latina só serem estudadas por um em cada vinte alunos do ensino pós-secundário. Não obstante, a realidade é que as sociedades europeias continuam a sen-

tir-se herdeiras da Antiguidade greco-romana. Por outro lado, não faltam empresas que ganharam consciência sobre a destacada capacidade de jovens profissionais formados no rigor literário e linguístico dos saberes clássicos: porque são cultos e metódicos, adaptam-se melhor a determinados trabalhos cada vez mais em mutação.

Uma análise recente do departamento de Estudos Clássicos, da Universidade de Oxford, diz que “os empregadores apreciam como os estudos clássicos favorecem um desenvolvimento intelectual pluridisciplinar e possibilitam uma





grande flexibilidade da mente. Numa época de rápidas transformações sociais e económicas, a capacidade de reagir e adaptar-se às mudanças menos perceptíveis, faz dos estudantes de estudos clássicos, os licenciados mais necessários às empresas: pessoas licenciadas com capacidade de adaptação e de aprendizagem sem igual”.

De facto, os centros educativos que fomentaram a opção pelas humanidades, veem reconhecido hoje o seu carácter de excelência através de colaborações originais entre empresas e universidades. Nessa linha se inscreve o êxito – descrito no relatório do CAS - da “operação Fénix”, lançada em 2006 por Serge Villepelet, presidente da PwC França: vinculou universidades e empresas para

proporcionar todos os anos cargos executivos a estudantes de mestrado em letras e ciências humanas, sem prévia formação financeira ou de gestão. A operação foi um sucesso e 165 mestres deste tipo foram contratados pelas empresas que participam nesta iniciativa.

Por outro lado, num mundo em que prevalecem os serviços e a informação, com muito tempo de leitura diária diante do ecrã do computador, as empresas estão conscientes da importância da língua: portanto, a formação em letras torna-se indispensável.

O fundamento profundo dos saberes clássicos

O documento de trabalho do CAS sugere algumas pistas para dar a

conhecer e desenvolver a inserção da cultura clássica na formação. Trata-se de mostrar como as humanidades potenciam a aprendizagem escolar das línguas europeias, como continuam a ser a raiz da cultura nacional e europeia e, por último, como são valiosíssimas para a formação rigorosa de jovens chamados a desempenhar as mais variadas profissões.

O autor principal do relatório recorda que as humanidades não são, em si, um conhecimento literário; nem sequer um saber específico: são antes de tudo um quadro, uma atitude de fundo, que afeta o modo como percebemos a realidade a cada momento. Na sua opinião, necessitaríamos hoje de algo semelhante ao Renascimento, que regressou à literatura e à filosofia antigas para criar uma

»»



nova modernidade sobre o subtrato do medievo.

Para haver humanidades, é preciso que a relação com a Antiguidade tenha interesse intelectual e moral para o homem de hoje. E, independentemente dos números sobre o ensino de latim e grego nos liceus franceses, tem-no. Conhecer o grego, o latim, a história ou a filosofia antigas ajuda-nos a ser o que queremos ser agora.

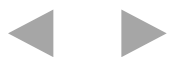
Talvez por tudo isto, multiplicam-se filmes e séries de televisão sobre temas da Antiguidade: procuram-se “respostas e modelos, modos de vida, virtudes, vida de cidadania, comportamentos heroicos”. E recorre-se à Antiguidade, “porque se sabe que aí iremos encontrá-los”.

Latim ou grego como segunda língua

Segundo reconhece o relatório, com dados oficiais, os poderes públicos não favoreceram as disciplinas clássicas nos últimos anos: “considerado ‘elitista’ e ‘fora de moda’, o ensino das línguas antigas sofreu com relativa agressividade o impacto da ‘democratização’ do segundo grau e das políticas de ‘modernização’ sucessivas. Considerado ‘desnecessariamente dispendioso’, viu-se muito afetado pelas políticas de ‘racionalização’ da oferta educativa”. A consequência é que, nas escolas e liceus, “o latim vê-se reduzido ao estatuto de cadeira opcional”. Não recebe o tratamento de disciplina fundamental, nem sequer no ensino pós-secundário de letras.

Uma possível opção, como a da Alemanha, seria permitir que nas escolas e liceus se pudesse escolher latim ou grego como segunda língua, não apenas na opção de letras. De facto, em França, embora pareça paradoxal, 65% dos alunos do ensino pós-secundário que escolhem hoje latim são de ciências (contra 17% de letras).

(com autorização de www.aceprensa.pt)



DOCUMENTAÇÃO



As humanidades, um motor para a economia e a sociedade

Os estudos de humanidades e de ciências sociais (artes liberais nos EUA) constituem uma vigorosa ajuda para criar um debate público mais qualificado, uma força de trabalho mais criativa e um país mais seguro. Isto é o que afirma a American Academy of Art and Sciences num recente relatório “The Heart of the Matter – The Humanities and Social Sciences for a vibrant, competitive, and secure nation”.

Um plano de estudos que inclua as humanidades e as ciências sociais, juntamente com as ciências naturais, favorece o pensamento integrador, a criatividade e

o desenvolvimento, diz a citada Academia. As humanidades e as ciências sociais não são elitistas, vão para lá do imediato e são fundamentais para a busca do sentido da vida, da liberdade e da felicidade. Universidades públicas e privadas dos Estados Unidos, que se contam entre as melhores do mundo, oferecem diversos estudos de artes liberais.

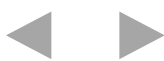
Útil para toda a vida

No início do século XXI, salienta o relatório, estamos a viver um paradoxo. Reconhece-se amplamente que, cada vez mais, os norte-americanos necessitam de

uma educação superior de qualidade. No entanto, as ajudas à educação superior têm vindo a diminuir de modo constante. Este inconveniente levou a questionar a utilidade das artes liberais, com o argumento de que não contribuem visivelmente para o emprego a curto prazo.

Todavia, esta desconfiança perde de vista uma aprendizagem, que se adquire ao estudar artes liberais, útil para toda a vida. Jill Tiefenthaler, presidente da Universidade do Colorado, afirmou nesta universidade, durante o discurso de inauguração do ano letivo 2012-2013, que o ensino de





humanidades “fomenta qualidades valiosas: A capacidade para recuperar dos revezes e lidar com o *stress*. A perseverança e a paixão pelas metas que são desafios. A tendência para ter uma responsabilidade disposta a atrasar a recompensa. A criatividade, ou a vontade de romper com o convencional, para chegar a novas ideias. A capacidade de se concentrar numa coisa, superando as distrações. A consciência de focalizar as coisas para o que são as metas mais importantes”.

Em momentos nos quais a ansiedade económica impulsiona o público para uma educação centrada nos resultados de curto prazo, é importante que as escolas e as universidades se convençam do valor da educação dos estudos humanísticos. O público tem de

saber que a capacidade de se adaptar e prosperar, num mundo em constante mudança, não se baseia apenas na instrução nos trabalhos atuais, mas no desenvolvimento de qualidades úteis para novos cenários laborais. “A única forma de poderem preparar-se para o futuro, em trabalhos que ainda não existem, é o desenvolvimento de mentes ágeis, que conheçam diferentes culturas e ideias e tenham capacidade para falar e escrever; qualidades que são desenvolvidas pelas artes liberais”, segundo observa Jill Tiefenthaler.

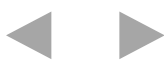
Menos humanidades, inovação em perigo

A necessidade atual das ciências humanas e sociais é urgente. Os pais já não as leem aos seus

filhos tanto como antes. Os professores de humanidades das escolas têm menor formação que os de outras cadeiras. O financiamento para estudar noutros países baixou 41% em quatro anos. Tudo isto terá consequências sérias no modelo de formação norte-americano, segundo o relatório antes citado, pois as ciências sociais constituem um estímulo à inovação e favorecem a coesão social. Para melhorar estas carências, a investigação propõe três metas.

1. Ajudar a construir uma democracia do século XXI. As humanidades e as ciências sociais proporcionam um quadro intelectual e um contexto para prosperar num mundo em mutação. Para isto, é necessário apoiar a alfabetização. O país depende de





uma população totalmente alfabetizada, com capacidades de leitura, escrita, e conversação, que proporcionem competências para toda a vida. Investir numa educação humanística permitirá aos cidadãos participar melhor na sociedade democrática como votantes, consumidores informados e trabalhadores produtivos. Convém também aumentar o acesso aos recursos na rede, incluindo os materiais de ensino, garantindo a sua qualidade e acessibilidade para todos os estudantes.

2. Fomentar uma sociedade inovadora e competitiva. Para este objetivo, sugere-se aumentar o investimento na investigação. Por outro lado, os professores devem começar a mudar a tendência de uma formação excessivamente especializada, para uma que seja

mais completa. Criar um corpo de professores de artes liberais pode ajudar a enriquecer o ensino em todos os níveis.

3. Educar para a liderança num mundo globalizado. Participar numa economia global exige a compreensão de diversas culturas e diferentes pontos de vista. Os meios para o conseguir que se propõem são: promover a aprendizagem de idiomas; ampliar o ensino de assuntos internacionais; fomentar programas de estudo no estrangeiro; desenvolver uma cultura que seja solidária: alguns adultos interessados poderiam colaborar com escolas, centros comunitários e outras organizações para transmitir conhecimentos humanísticos e científicos sociais.

Humanidades, empresas e novas tecnologias

A um conjunto de empresários que foram inquiridos para um relatório “It takes more than a major: employer priorities for college learning and student success” da Association of American Colleges and Universities, foi dada a seguinte definição das artes liberais: “Esta abordagem da educação universitária proporciona um amplo conhecimento em várias áreas de estudo e o conhecimento de qualificações específicas num campo de interesse. Também ajuda os estudantes a desenvolver um sentido de responsabilidade social, assim como intelectual, juntamente com aptidões práticas tipo a comunicação, a análise, a resolução de problemas, e uma capacidade demonstrada para





aplicar conhecimentos e competências em contextos do mundo real”. Os empresários avaliaram a educação liberal de acordo com estas percentagens: muito importante, 51%; bastante importante, 43%; pouco importante, 6%. Também foi perguntado aos empresários se aconselhariam a um filho ou a um jovem este tipo de ensino. As respostas foram: sim, 74%; depende, 19%; não, 7%.

Os líderes empresariais de hoje estão procurando uma diversidade de aptidões, e não apenas conhecimentos técnicos. Não basta para os serviços financeiros ser capaz de trabalhar com uma folha de cálculo. É necessário convencer os clientes, individuais ou institu-

cionais, para que se tomem as medidas adequadas. As competências que advêm das humanidades, como a melhoria na escuta, a empatia, ou a valorização do contexto da gestão, são muito importantes. Um exemplo da relação das Artes Liberais com a empresa, em Espanha, é o “Instituto Empresa y Humanismo” que, com uma **abordagem interdisciplinar**, se propõe através da investigação e da docência, contribuir para solucionar os problemas levantados pela crescente complexidade da sociedade, de modo especial – embora não exclusivo – os relacionados com a maneira de integrar a empresa e a atividade económica na sociedade civil.

A tecnologia da informação tem e terá um efeito transformador no ensino. As ciências sociais e as humanidades devem aproveitar a oportunidade de chegar a novos públicos. Os atuais cursos na rede, estão a demonstrar o interesse pela aprendizagem humanística. Estamos nas vésperas de uma nova era do ensino e da aprendizagem, cujas dimensões apenas podemos começar a imaginar. O futuro continuará a necessitar das capacidades humanas que promovem as artes liberais, e talvez precise delas mais do que nunca, afirma a American Academy of Art and Sciences.

J. I. M. 

Partilhe com a AESE as suas
questões, Notícias e Passaporte
(elianalucas@aese.pt)

AESE Lisboa

Júlia Côte-Real
Telemóvel (+351) 939 871 256
Telefone (+351) 217 221 530
Fax (+351) 217 221 550
j.cortereal@aese.pt
Edifício Sede, Calçada
de Palma de Baixo, n.º 12
1600-177 Lisboa

AESE Porto

Carlos Fonseca
Telefone (+351) 226 108 025
Fax (+351) 226 108 026
carlos.fonseca@aese.pt
Rua do Pinheiro Manso,
662-esc. 1.12
4100-411 Porto

Seminários

Filomena Gonçalves
Telemóvel (+351) 939 939 639
Telefone (+351) 217 221 530
seminarios@aese.pt

Formulário de cancelamento:

Alumni

Abdel Gama
Telefone (+351) 217 221 530
abdelgama@aese.pt

www.aese.com.pt/cancelamento

Formulário de novas adesões:

www.aese.com.pt/adesao

www.aese.pt